

NARRATIVAS AFETIVAS DE UMA INTERVENÇÃO ARTÍSTICO- EDUCATIVA¹

NARRATIVAS AFECTIVAS DE UNA INTERVENCIÓN ARTÍSTICO- EDUCATIVA

Tábatha Danielle Ferreira Arantes Vieira
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
tabathafvieira@yahoo.com.br

Marcos Allan da Silva Linhares
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
marcosallan.18@gmail.com

Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
lestevinho@gmail.com

RESUMO

Esse relato de experiência, escrito ao modo narrativo e ensaístico, tem como objetivo contar sobre uma intervenção artístico-educativa realizada em uma praça a partir das movimentações provocadas pela disciplina Biologia e Cultura e que produziram narrativas afetivas de uma professora em formação. Para isso a cartografia foi importante para dar língua aos afetos que pedem passagem e com eles construir novos modos de se relacionar com a paisagem, com a docência e com a vida. O desejo é ensinar a olhar com outros olhos para as praças pensando com as árvores, ensinando com as borboletas e seguindo com os barbantes.

Palavras-chave: cartografia; docência; praças; formação de professores.

Eixo temático: 4 – Linguagens e culturas no ensino de Ciências e Biologia.

Modalidade: Relato de experiência pedagógica.

RESUMEN

Este relato de experiencia, escrito en un modo narrativo y ensayístico, tiene como objetivo contar sobre una intervención artístico-educativa realizada en una plaza a partir de las movilizaciones provocadas por la asignatura Biología y Cultura y que produjeron narrativas afectivas de una profesora en formación. Para ello, la cartografía fue importante para dar lengua a los afectos que piden paso y con ellos construir nuevas maneras de relacionarse con el paisaje, con la docencia y con la vida. El deseo es enseñar a mirar con

¹ Este trabalho contou com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) para cobrir partes dos custos necessários à participação no evento.

otros ojos las plazas pensando con los árboles, enseñando con las mariposas y siguiendo con los hilos.

Palabras clave: cartografía; docencia; plazas; formación de profesores.

Eje temático: 4 – Lenguajes y culturas no ensino de Ciências e Biologia

Modalidad: Relato de experiencia pedagógica.

APRESENTAÇÃO

"Mas, afinal, onde estão as plantas? Pensando a respeito da dificuldade de se contextualizar a vida vegetal de forma que contribua para uma melhor interação com as plantas, cabe o questionamento de como elas se encaixam em nossas vidas, como elas aparecem no nosso cotidiano, como fizeram parte de nossa infância e de que maneira toda essa relação pode nos ajudar a aprender a respeito destes seres vivos." (Machado; Amaral, 2014, p.3)

Quintais e praças sempre levantaram a minha atenção, desde muito nova até após a adolescência. Sempre repletos por plantas, flores e por árvores que forneciam a sombra onde eu me abrigava, ficava encantada com sua diversidade e potência de vida. Durante a faculdade não foi diferente... me encantei com uma árvore em específico do *campus* em que estudava e que se tornou ponto de encontro para as turmas e colegas da faculdade. Quando criança, sempre gostei muito de natureza e de ficar o máximo possível em contato com o ambiente natural.

Lembro das casas das minhas duas avós que tinham quintais grandes e repletos de árvores as quais marcaram toda a minha infância. Tinha um pomar onde podíamos colher acerola, mexerica, maracujá, goiaba, figo, limão, banana, entre outras frutas. A minha preferida era a acerola, mas também tinham algumas árvores que me atraíam por conta das flores e de seus longos galhos que me permitiam subir entre eles e alcançar determinada altura que me recompensava com uma vista privilegiada de uma parte da rua.

As vezes sozinha em cima da árvore eu ficava observando o tempo, observando as formigas que carregavam folhas para suas colônias e admirava como conseguíamos viver aquele momento em perfeita harmonia e sincronização: eu, a árvore e todos os insetos que habitavam nela. Daquele lugar da árvore também observava o movimento da rua; admirava minha mãe colher folhas da árvore de canela para preparar o chá da tarde e era de onde aguardava ansiosamente meu pai me buscar para nossos passeios do fim de semana. Lembro que sempre íamos à praça ou ao bosque, cercado de árvores e flores. As

praças da minha cidade natal sempre me encantaram, principalmente nas primaveras onde suas belas árvores ficavam repletas de flores.

Além disso durante todo meu período de educação escolar estudei em escolas que se localizavam em frente de praças e eram nelas que ficávamos após as aulas conversando com os amigos e contemplando o lugar. Como as praças eram sempre em frente às escolas, muitos professores nos levavam para aulas ao ar livre e aulas práticas na praça e acredito que foi assim que despertei meu interesse em ver a praça como um lugar de aprendizado, ainda que nessa época não entendesse a importância sobre como isso iria atravessar a minha formação como professora de Ciências e Biologia no presente.

Foi esse atravessamento deixado pelas praças em meu corpo e em minhas memórias que me levaram a estudá-la como um espaço de ensino e aprendizagem de Biologia e a enxergá-la como um lugar que entrelaça memórias, vivências, sentimentos que juntos formam essa professora que escreve este texto. Para isso esse relato de experiência, escrito ao modo narrativo e ensaístico, tem como objetivo contar sobre uma intervenção artístico-educativa realizada na Praça José Motta, no bairro Morada da Colina, na cidade de Uberlândia a partir das movimentações provocadas pela disciplina Biologia e Cultura, da Universidade Federal de Uberlândia e que foi tema central do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Para isso irei compor narrativas afetivas a partir de memórias dessa atividade de intervenção buscando discutir uma educação do/pelo sentir, da sensibilização, da arte e da cultura em conexões com a docência, com a Biologia e com a vida. Dessa forma irei percorrer vivências, fotografias e marcas que formam esse corpo-professora e que me fizeram olhar para as praças para além de um lugar natural em meio a cidade, mas como um espaço de encontro em meio as turbulências, como um ambiente de possibilidades em meio ao caos, como um respiro em meio ao sufocamento da vida nas escolas e em minha formação.

METODOLOGIA

A metodologia consistiu em percorrer as fotografias e vivências que fizeram com que a intervenção tomasse forma e fosse um trabalho educativo em um espaço público, ou seja,

que atravessasse os muros da escola em forma de afetos e narrativas para além dos olhares biológicos, mas com eles em intercessão com a cultura, a arte, a vida, a educação, entre outros. Busquei as fotos em meu acervo pessoal e nas fontes as quais tinha contato (como redes sociais e grupos de turma) e separei todas as fotos dos dias das intervenções, escolhendo algumas para integrar esse texto.

Antes que pudesse me aventurar nas edições, imprimi oito dessas fotos para analisar e pensar na criação de sensações e memórias que essas fotos me traziam. Dentre essas, quatro me preencheram e atravessaram durante essa busca, despertando para a construção de narrativas afetivas. Depois de já escolhidas as fotos comecei a fabular sobre os acontecimentos que eu queria e esperava que acontecesse e fui trabalhando na edição das fotos com base nas minhas memórias e sentimentos.

Percorrendo com elas comecei também a entender sobre os acontecimentos que poderiam ter acontecido sem que eu imaginasse e fabular-com esses acontecimentos. Foram usados os programas de edição *Canva* e *Photopea* para a edição de imagens e construção de novas fotografias a partir de lembranças e sentimentos que as recordações me traziam. Nesse processo de imersão e envolvimento com as memórias, fotografias e lembranças que me inundavam a cartografia foi uma grande aliada na construção das narrativas afetivas que eu desejava construir. Foi cartografando que pude “dar língua para afetos que pedem passagem” (Rolnik, 2011, p.15) e com eles construir, através da escrita e/ou de novas imagens, novos modos de me relacionar com a paisagem, com a docência e com a vida que circulava naquele lugar.

Para Deleuze e Guattari (1997) a cartografia envolve o processo de criação de mapas rizomáticos, enfatizando e considerando as multiplicidades e as relações que se expandem de um contexto educacional, buscando mapear os afetos, as conexões, os encontros e fluxos presentes nas práticas educativas, a fim de descrevê-los e documentá-los. Por isso a cartografia foi tão importante para o meu processo pois ela me aproximou ainda mais dos encontros possibilitados pela intervenção, me movimentando novamente e colocando a navegar nos aprendizados, nos sentimentos e nos espaços que dão ar a vida e que provocam frio na barriga através do contato com os outros.

A INTERVENÇÃO NA PRAÇA

Entendendo a praça como um meio de interação social, podemos destacar eventos que ocorrem em praças e que fortalecem a ideia de convivência e aprendizagem nesse espaço público. Diversos autores reforçam essa ideia na tentativa de desconstruir a visão meramente “arquitetônica” das praças para passarmos a enxergá-las como espaços de aliança entre a cidade, a educação, os processos educativos, culturais, entre outros, destacando a importância de utilizar outros espaços além da escola para as práticas educativas em que o espaço e o envolvimento com a natureza possam fazer parte dos currículos e dos eventos escolares (Brandão, 2005; Freire, 1987; Umholtz, 2013).

Muitas vezes somos levados a pensar que ensinar e aprender é uma viagem de ida e volta que se passa em sala de aula, na escola. A escola é o lugar social da educação. Esta é uma idéia correta, mas não inteiramente. A educação que vivemos na escola, como estudantes, como professores, como as duas “coisas” ao mesmo tempo, é uma fração importante de nosso aprendizado, mas não única. (Brandão, 2005, p.85).

Dessa forma amplia-se o conceito de “espaço educativo” para além das instituições escolares formais, abrindo o leque de possibilidades para que outros lugares de nosso cotidiano também possam se tornar agentes educacionais de hábitos, ideias e pensamentos que vão para além dos currículos escolares, mas possam extravasar na vida, no cuidado com a Terra, no respeito as diversidades e diferenças, entre outros (Amaral; Santos, 2017).

Foi entendendo a praça como espaço público de interação social e de educação que surgiu na primeira aula da disciplina de Biologia e Cultura a proposta de realizar um trabalho de intervenção na praça. O texto “*Um pé de cultura e de milho, angico, mangaba e baobá*” de Clara de Carvalho Machado e Marise Basso Amaral, discutido em aula, fomentou discussões referentes ao ensino formal, mas também abriu possibilidades de se discutir um ensino acolhedor, contextualizado com as vivências das pessoas, ultrapassando a escola e as grades que por vezes cerceiam e entristecem a vida.

A partir das reflexões e diálogos compartilhados em aula, sempre cheios de afetos e lembranças, a semente para a intervenção foi plantada e regada para que pudesse acontecer. Sem ressalvas e sem dificuldades toda a turma se envolveu e, assim, começaram a surgir as primeiras ideias para a intervenção na praça. Durante a primeira visita na praça tivemos a presença de alguns ecólogos que nos ajudaram a identificar as árvores presentes naquele espaço. No decorrer da visita foram realizadas perguntas aos

ecólogos sobre as características das árvores e as respostas serviram como provocação para que pudéssemos pensar e nos identificar com uma das árvores.

O processo de pensar-sentir-criar me fez navegar em lembranças de afeto e carinho com a natureza. Minha ideia era guiar por meio de frases e versos um caminho que pudesse contar minha conexão pessoal com a natureza presente naquele local. E foi assim que surgiu a ideia de um caminho de barbante entre uma árvore e um poste de luz, fazendo uma conexão visível e invisível, entre o vivo e o não vivo. O barbante se transformou em um varal de recados e esses recados eram repletos de afeto, dessa forma o barbante se tornou responsável por intermediar essas mensagens, entre quem tivesse um minuto para parar e apreciar os bilhetes e as ligações entre as interações e reflexões que cada mensagem trazia, colocando a natureza em foco e buscando atravessar quem estivesse lendo aquelas palavras.

Figura 1: Conexões de afetos na praça.



Fonte: Autoria própria.

O fio fazia as conexões entre afetos, sensações e atravessamentos que ali eram colocados como disparadores de sentimento, um bloco de sensações. Era mistura em composição acionada por frases, pelas cores, pela vida da árvores que segurava o início do fio, pelas flores, pelas fotos, pelas luzes do poste que conduziam o barbante ao longo do caminho.

Tudo era composição efervescente para fazermos pensar e refletir sobre o espaço, a vida e como podíamos aprender e ensinar em outras potencialidades e com outros contatos nesse mundo.

Sobre as fotos e as lembranças dessa intervenção se desdobram sentimentos de uma professora em formação que estava encantada em saber que docência também poderia estar em aliança com a vida, com os afetos. Em cada recado, uma flor. Em cada flor, uma esperança. Ligações invisíveis que não vemos, mas que podemos sentir, que nos acompanham cotidianamente pelo toque, pelo cheiro, pelo vento, pela folha que cai, pela sementes que germinam, pelas raízes que crescem nas praças, em meio a urbanização das cidades criando fios, tecendo emaranhados de vida, fluxo de sentimentos que podem mudar toda uma trajetória.

Figura 2: As ligações invisíveis que se constituem em meio a praça.





Fonte: Autoria própria.

NARRATIVAS DE AFETO

Ao voltar na praça dias após a nossa intervenção me deparei com o cenário um pouco diferente do que deixamos, minha intervenção já não estava completa, mas isso não me deixou triste, pelo contrário, a minha ideia era que as pessoas levassem em sua companhia as mensagens e até mesmo as flores de papel feitas por mim. Nesse dia restou apenas algumas flores no barbante já desbotadas pela chuva e pelo sol.

Olhando para o produto final dessa intervenção e para o que sobrou me passou várias ideias na cabeça: imaginei o que poderia ter acontecido enquanto não estávamos na praça, aquilo que aconteceu quando não estávamos presenciando as ações de humanos e não humanos em interação com a nossa intervenção. Foi atravessada por esses e outros tantos questionamentos e inquietações que as fabulações começaram a germinar em mim outros modos de dizer aquilo que me efervescia e movimentava.

As borboletas após uma longa viagem buscavam conforto nas flores. Elas chegam até o barbante deixado por mim, murcho e molhado pelo tempo. Ao chegarem ainda encontram algumas flores secas e um papel amassado. Nele estavam os bilhetes escritos por mim. Elas os destacam e os espalham por outros lugares, da forma mais graciosa em um belo voo pela cidade cinza e barulhenta.

As pessoas que estão passando na praça naquele momento veem as borboletas saindo com esses pedaços de papéis e se interessam para verificar o que tem naquele fio de barbante. Após ler os recados uma mulher decide pegar uma flor de papel crepom e colocar no seu cabelo, como um enfeite e lembrança daquele bilhete que ao ler conseguiu mudar o seu dia, fazendo com que ele fosse mais alegre e esperançoso. A flor é justamente a lembrança que ela irá carregar com ela daquele momento de contemplação, alegria e compaixão que a percorreu durante o dia.

Por um momento também imaginei crianças brincando de futebol na areia aproveitando uma tarde de sol depois das aulas. Enquanto um chute na bola acerta o varal, uma das crianças com toda a sua curiosidade repara nos bilhetes e decide levar um com ele para entregar de presente para sua mãe ao chegar em casa.

Quem sabe também, embaixo do varal, podemos encontrar uma família realizando um piquenique em um domingo à tarde junto as crianças e aproveitando o espaço e os balanços da praça, a mãe para e observa os bilhetes. Ela mostra aos filhos gerando uma curiosidade sobre como aquele barbante e aqueles recados foram parar naquela praça e qual seria o objetivo daquele varal tão incomum naquele ambiente. A mãe com toda sua sutilidade informa que não sabe ao certo, mas incentiva a imaginação da família para que cada um invente uma história de como aquele barbante com recados e flores foram parar ali. Uma das crianças fala que foi uma outra mãe que criou o barbante, outra já fala que foi a árvore que gerou toda aquela decoração para chamar atenção para ela e assim essa família passa uma tarde conversando e fabulando histórias sobre a intervenção sem nunca saber ao certo como foi feita.

Figura 3: Criando fabulações afetivas com a intervenção artístico-educativa.



Fonte: Autoria própria.

Nunca iremos saber o que se sucedeu após a intervenção. Essas fabulações contam um mundo por vir, criam mundos ao mesmo tempo que criam também uma professor em formação. Uma professora que está no processo, que está aprendendo e que está passando a enxergar a docência em conexão com a arte, com a cultura, com a Biologia e com tantas outras vidas (humanas e não-humanas) que nos cercam. Pode ser que nada disso que fabulei possa ter acontecido e simplesmente a chuva levou o varal pelas ruas até ancorar

em um terreno baldio. Mas uma intervenção nunca deixa de ser uma perturbação, uma movimentação, um toque em algo ou em alguém. Se nada disso não tiver acontecido lá, aconteceu aqui, em mim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carrego comigo as marcas e as memórias de uma intervenção artística-educativa que foi tão potente e especial para minha carreira e vida, tanto como aluna como professora em formação, mas principalmente também como aquela menina pequena que sempre gostou de árvores e de praças. As marcas são invisíveis, os fios que me fazem percorrer a memória e lembrar com carinho desse trabalho sempre vão estar presentes na minha atuação como professora e como pessoa. Escrever sobre um estudo que fala sobre os sentimentos é escrever com o coração e com a alma, revivendo cada momento de felicidade e distração que esse momento proporcionou com o desejo de que ele também alcance outras pessoas e as atravessem do mesmo modo (ou mais) que a mim,

Desejo que esse pequeno texto nos ensine a olhar para as praças, a pensar com as árvores, a ensinar com as borboletas, a “esperançar” com as sementes, a seguir como os barbantes e a fazermos conexões com outros lugares que estão ali, à espreita, esperando nossa chegada, querendo fazer aliança em um mundo em alerta.

REFERÊNCIAS

AMARAL, G. B; SANTOS, R. M. O potencial educativo das praças como espaço educador sustentável. **Periódico Eletrônico do Fórum Ambiental da Alta Paulista**, v.13, n.2, 2017.

BRANDÃO, C. R. Comunidades aprendentes. In: JÚNIOR, L. A. F. (Org.) **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: Editora MMA, 2005.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** – vol. 4. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

MACHADO, C. C; AMARAL, M. B. Um pé de cultura e de milho, angico, mangaba e baobá. **TEXTURA - Revista de Educação e Letras**, v.16, n.30, 2014.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Editora Sulina/UFRGS, 2011.

UMHOLTZ, J. Re-engaging youth through environmental-based education for sustainable development. **Journal of Sustainability Education**, v.5, n.5, 2013.